

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SIMONE RIGO

THAYS TEIXEIRA DA PAZ



**LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS ATRAVÉS DE
RELATOS ORAIS**

MATINHOS

2014

SIMONE RIGO
THAYS TEIXEIRA DA PAZ

**LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS ATRAVÉS DE
RELATOS ORAIS**

Projeto de aprendizagem apresentado com requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Gestão Ambiental, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de Carli Lautert

MATINHOS

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

SIMONE RIGO

THAYS TEIXEIRA DA PAZ

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS ATRAVÉS DE RELATOS ORAIS

Trabalho de conclusão de curso aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Gestão Ambiental, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Fernando de Carli Lautert

Orientador – Setor Litoral, UFPR

Prof. Dr. Marcelo Chemin

Setor Litoral, UFPR

M.Sc. Marcos de Vasconcellos Gernet

Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, UFPR

Matinhos, 8 de agosto de 2014.

AGRADECIMENTOS

ALUNA SIMONE RIGO

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Ao meu orientador Luiz Fernando de Carli Lautert, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais Euclides Rigo e Marinês Rigo e ao meu marido Fabrício Rodrigues pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

ALUNA THAYS TEIXEIRA DA PAZ

Primeiramente, a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço a minha mãe, Cleide Regina Teixeira, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e por largar tudo para me acompanhar nessa jornada universitária.

A Carlos João Birckolz, o melhor presente que a faculdade poderia ter me dado, pela cumplicidade, amor e incentivo.

Obrigada meus familiares e amigos, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre me fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram o conhecimento não apenas intelectual, mas de vida.

Ao professor Luiz Fernando de Carli Lautert, pela orientação, apoio e confiança.

SUMÁRIO

1 PROJETO DE APRENDIZAGEM	1
RESUMO	1
1.1 INTRODUÇÃO.....	2
1.2 MODIFICAÇÕES DA PAISAGEM E TRANSPORTE.....	4
1.3 PESCA ARTESANAL E A ARTE DA FEITURA DE CANOA MONÓXILA (UM ÚNICO TRONCO DE ÁRVORE).....	10
1.4 CONFECÇÃO ARTESANAL DE RABECAS.....	12
1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERENCIAS	15
2 MEMORIAL DO PROJETO DE APRENDIZAGEM	16
2.1 ALUNA SIMONE.....	16
2.2 ALUNA THAYS.....	18
3 MEMORIAL DAS INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS	19
3.1 ALUNA SIMONE.....	19
3.2 ALUNA THAYS.....	22
4 MEMORIAL DAS VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS	24
4.1 ALUNA SIMONE.....	24
4.2 ALUNA THAYS.....	26

1 PROJETO DE APRENDIZAGEM

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MATINHOS ATRAVÉS DE RELATOS ORAIS

RESUMO

As mudanças ocorridas durante o processo de expansão territorial e de especulação imobiliária no litoral paranaense modificou e restringiu hábitos e costumes das comunidades tradicionais desse litoral. As suas crenças, lendas, hábitos e costumes estão desaparecendo pela falta de interesse das gerações sucessoras em aprender e praticar esta cultura que estabeleceu e firmou as raízes do nativo- caboclo- caiçara junto ao Município de Matinhos. Com o objetivo de resgatar e salvaguardar alguns traços desta cultura que durante décadas moveu gerações entrevistamos alguns protagonistas desta história e registramos, através de um gravador, seus ensinamentos, suas técnicas artesanais, suas lembranças da paisagem precedente, seus hábitos e costumes e transcrevemos *ipsis literis* alguns trechos, talvez perdidos no tempo, afim de conserva-los para a eterna memória das futuras gerações

Palavras-chave: Matinhos, História Oral, Cultura.

1.1 INTRODUÇÃO

A História, originária do termo grego “*historie*” que possui como significado o conhecimento através da investigação (LE GOF, 2003), nos revela e remete-nos ao passado, permitindo conhecer os acontecimentos, as transformações geográficas, econômicas, sociais e culturais de um povo e/ou região. Oportunizando a construção e a reinterpretação constante dos processos e dos fatos ocorridos, sem desvincular a relação presente/futuro, que é parte integrante e significativa no procedimento de descoberta.

A historiografia¹ hoje nos permite novas possibilidades de escrever a história. A História Oral é uma das diversas formas de resgate histórico, que busca descrever a história a partir das percepções e perspectivas de quem a viveu, interessada nos modos de agir, viver, sentir e pensar de anônimos, valorizando as suas experiências individuais. Segundo Portelli (1997):

(...) a História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito - assim como a sociologia e a antropologia - a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que elas tiveram na vida de cada uma (...).

A história oral permite o resgate histórico e possibilita a qualidade da análise social, tornando-a mais complexa, mais rica, mais viva e verdadeira. Atualmente as bibliografias existentes contemplam poucas informações sobre a rica história do litoral paranaense, em particular o Município de Matinhos.

Matinhos é um município brasileiro do estado do Paraná, localizado a 111 km da capital, Curitiba. Ocupa uma área de 117,743 Km² com população de 29.428, segundo IBGE (2010). O território denominado hoje como Matinhos tem como seus

¹ Ciência que estuda, analisa e registra os fatos históricos ao longo do tempo. FONTE

primeiros habitantes os indígenas do grupo jê², constatados por meio de escavações dos sambaquis do litoral do Paraná, que eram numerosos entre 3.000 e 5.000 anos atrás (BIGARELLA, 2009). O nome da cidade originou-se devido a abundância de vegetação rasteira (restinga³) em toda extensão da orla marítima, que era chamada de “matinho” pela população que frequentava o balneário (BIGARELLA, 2009).

Antes do início da vinda dos banhistas ao município, a região era ocupada por caboclos (miscigenação entre portugueses e indígenas) que não recebiam apoio dos governos, o que levou a união desse grupo, desenvolvendo grande sensibilidade e solidariedade com os problemas dos seus semelhantes (BIGARELLA, 2009).

Na década de 20 os curitibanos começaram a “descobrir” Matinhos como balneário⁴, ficando conhecidos pelos moradores como banhistas, que vinham à região no período de junho e julho, pois era o período de menor incidência de mosquitos (BIGARELLA, 2009).

Poucos podiam desfrutar de natureza virgem das praias que eram praticamente sem poluição (BIGARELLA, 2009). Com o aumento da procura dos banhistas pelas praias de Matinhos, iniciou-se rapidamente o processo de mudanças e influências na paisagem, na cultura das comunidades nativas, na economia, entre outras, que acabaram por descaracterizar e extinguir grande parte dos saberes, tradições e costumes locais.

² Macro-jê: raramente eram encontrados no litoral. Com exceção de algumas tribos na serra do mar, eles eram encontrados principalmente no planalto central. Nesse contexto, destacavam-se as tribos ou grupos: timbira, aimoré, goitacaz, carijó, carajá, bororó e botocudo. Esses grupos indígenas viviam nas proximidades das nascentes de córregos e rios, viviam basicamente da coleta de frutos e raízes e da caça. Esses grupos só vieram a ter contato com os brancos no século XVII, quando os colonizadores adentraram no interior do país. **FONTE**

³ É um espaço geográfico formado sempre por depósitos arenosos paralelos à linha da costa, de forma geralmente alongada, produzido por processos de sedimentação, onde se encontram diferentes comunidades que recebem influência marinha, podendo ter cobertura vegetal em mosaico. Esse tipo de vegetação também pode ser encontrado em praias, cordões arenosos, dunas e depressões em diversos estágios sucessionais existentes fora da restinga na parte interiorana do continente. A restinga também pode se formar nos estuários dos rios, pela deposição de sedimentos, dando origem à formação de rios ou assoreamentos. **FONTE**

⁴ É um conjunto de praias de um determinado município litorâneo. **FONTE**

A partir desses fatos o presente artigo visa fazer um levantamento da trajetória histórica e das mudanças geográficas e culturais que durante décadas moveram gerações e hoje está acabando, através dos relatos das pessoas que viveram essa história resgatando alguns trechos, talvez, perdidos no tempo e redigi-los para a eterna memória das novas gerações.

Para alcançar o objetivo do trabalho foi necessário o levantamento de dados encontrados em literatura já existente, referente ao histórico do município e seu processo de ocupação, além da abordagem sobre o que é, exemplos e a importância do resgate cultural por meio dos relatos orais. Outro método utilizado foi a realização de entrevistas semiestruturadas com alguns moradores do município de Matinhos, previamente selecionados, levando em conta o tempo de residência no balneário.

As entrevistas foram registradas por meio de um gravador, posteriormente foram transcritas *ipsis litteris*, tendo seus dados apresentados no decorrer do trabalho com a identidade de cada entrevistado preservada.

1.2 MODIFICAÇÕES DA PAISAGEM E TRANSPORTE

Segundo Ribeiro (2008), as mudanças intensas na paisagem do município de Matinhos se iniciaram a partir da década de 1920 com a abertura da Estrada do Mar, hoje PR-407, o que levou o interesse dos curitibanos a conhecerem as praias do município.

Antes do surgimento da Estrada do Mar, os deslocamentos entre os balneários de Praia de Leste, Matinhos e Caiobá eram feitos pelo mar ou pela praias, por meio de carros de bois, pequenos caminhões e dos automóveis dos banhistas, que passavam por contratempos causados pelos ciclos das marés e pelos fatores climáticos (BIGARELLA, 2009).

[...] as casa, isso era longe uma da outra, longe, longe, longe uma da outra, a praia pra Caiobá na avenida atrântica ali né aonde é o carçadão hoje, era o ponto do ônibus que vinha de Curitiba, parava ali de Paranaguá. Vinha pela

praia pela estrada entrava na praia que essa entrada chamava prancha e vinha toda vida pra para lá nesse lugar que hoje é o carçadão, ali era o ponto de ônibus, vinha um senhor chamado Albano Muller que a rua tem o nome dele ali era a rodoviária. (N.M.B., 88 anos).

[...] eu vim pra cá por fora de lancha, uma embarcação grande que nem um navio só não tinha o casario por cima era em aberto. (H.M., 68 anos).

[...] os ônibus não chamavam ônibus chamavam diligencia, elas vinham com as cargas tudo em cima e um pano amarelo que aparava aquilo tudo, o vento batia pela frente fazia 'vuu' [risos] eles iam correndo encontrava lá no Casarão [antigo hotel]. (N.B.R., 54 anos).

Não demorando muito para que os primeiros banhistas comprassem lotes na cidade, que possuía uma estrutura muito precária com ruas estreitas e sem pavimentação, muitas áreas de manguezais inundadas na preamar, sem esgoto e eletricidade (BIGARELLA, 2009). Pode se ter consciência da realidade vivida, por meio de alguns relatos obtidos:

Na década de 44 eu vim de Santa Catarina morar aqui no Paraná, aqui não era nada [...] pra cá era só praia, tinha uns capinzinho [restinga] assim que donde os pescador botava as canoa e o mato era bem arto [...] com o passar dos tempos em 60 [1960], veio uma firma que abriu a estrada, que boto mais barro que aterro, mais pra depois muito tempo pra fazê o asfalto [...] era assim, o lugar era muito pobre não tinha nada, isso ai era só mangue, meu Deus do céu essa cidade era tudo mangue [...]. (N.M.B., 88 anos).

[...] aqui era um grande de um matagar, meu marido corto tudo, a capitania nos deu ordem de nós faze essa casa aqui que é terreno de marinha e daí foi feito, mas mato que tinha aqui foi barbaridade tirado pra nós pode pranta a casa aqui [...]. (N.M.B., 88 anos).

[...] eles vendiam até o lote por quinhentos cruzeiros cada um, nós não comprava porque não podia, não tinha dinheiro também, pescador não podia com nada [...]. (N.M.B., 88 anos).

[...] essa estrada que ta aí, era barro despois eles aterraram com as conchinhas de berbigão [sambaqui] que tiravam lá daquele morro lá [morro do sertãozinho] que pega aquela rua que vai pra Cambará aquelas coisa eles aterraram com aquilo. (N.M.B., 88 anos).

Nesse último relato podemos constatar um crime ambiental no momento em que se utilizaram partes de um patrimônio arqueológico, nesse caso os sambaquis⁵, para a pavimentação de estradas.

Outros aspectos de mudança na paisagem levantados pelos entrevistados foram a construção da Igreja de São Pedro e a transferência do local do cemitério. O primeiro cemitério de Matinhos era localizado no balneário de Rivieira na beira mar, ao lado da atual rotatória da Avenida Curitiba.

[...] o cemitério era ali onde agora parece que é um estacionamento (construção do Mercado Municipal) foi tirado muito corpo de lá e levado pro outro cemitério, ainda tem muita gente enterrada ali eu tenho duas meninas ali ainda. (A.B., 72 anos).

Com o aumento do interesse dos banhistas pela cidade, surgiu a iniciativa da construção de uma pequena igreja no centro de Matinhos. Sua construção se iniciou em 1938, sobre orientação e administração de Frederico Rauch, mas foi interrompida por muito tempo por motivos financeiros. Sendo só inaugurada em 29 de junho de 1944, dia do seu patrono.

Essa igrejinha católica ali quando eu vim pra cá, eu cheguei aqui dia 15 de junho de 1944, dia 29 ela estava em construção ainda ai eles arrumaram mais ou menos, tinha bastante varinha de era mato, varinhas compridas pra fazer sombra pro povo né, daí foi a primeira inauguração foi a missa que nós fomo prestigia foi nela, abriu naquela época eu ainda arcancei em 44 foi a primeira missa, ai a cabo de muito tempo que abriu a igreja grande [...]. (N.M.B., 88 anos).

Inúmeras descrições são encontradas nas literaturas sobre o modo de vida da população caiçara⁶ e várias destas demonstram a importância da agricultura na

⁵São depósitos de cascas de ostras, conchas e restos de artefatos deixados pelos homens pré-históricos e indígenas brasileiros. São encontrados, principalmente, em regiões litorâneas do Brasil (GERNET. M. V. et al, 2011).

economia e na sobrevivência das comunidades litorâneas. Entretanto conforme a pesquisa e os relatos obtidos no presente artigo, determinam que esta situação não se torna regra, pois a característica de subsistência são determinadas segundo a geografia do local onde estão localizadas e inseridas estas comunidades.

[...] eu tive nove filhos com a minha neta que eu criei dez o meu marido era pescador não tinha terreno pra planta porque terreno firme era só pros lado do sertãozinho pra lá pra aqueles lado lá, aqui não dava nada, dava cebola que eu tinha muita, prantei bastante cebola couve a terra é boa da cebola bastante e couve bastante o que eu prantava nasce tudo. (N.M.B., 88 anos).

[...] uma senhora vizinha conhecida bastante minha, ela vinha lá desses morros que ela tinha plantação pra lá trazia batata kará, uma bata pintadinha de roxo amarelinha tão gostosa, ela dizia:- Olha eu trouxe da minha lavourinha que eu tenho pra lá, cozinha que tudo isso cria as crianças [risos] eu chorava dia e noite, eu com a minha comadre que já é falecida, quero vorta pra traz por falta do mantimento das coisa que não tinha em casa, tinha peixe mas não tinha as outras coisas que a gente queria mistura, foi desse jeito um lugar muito simpre. (N.M.B., 88 anos).

O relato acima descreve a situação da comunidade localizada na vila dos pescadores no Centro de Matinhos onde o plantio era escasso pelas condições da terra arenosa e a seguinte descreve a situação oposta, situada na comunidade do morro do Cabaraquara na divisa dos municípios de Matinhos e Guaratuba, onde a terra segundo a entrevistada é propícia para o plantio.

[...] me criei e sustentei meus seis filho com a lavoura que nós tinha no quintar, cum feijão, arroz, batata, virdura, ainda nós tinha a mistura da caça que nos se embrenhava nesse mato de meu Deus e matava bicho pra cume[...] gambá, tatu e muitos outros[...] peixe nós num gosta muito não, nós é chegado mais em carne (risos). (H.M., 68 anos).

[...]ocês nunca cumeu gambá? Fritinho é uma dilícia. (H.M., 68 anos).

⁶ Caiçara é uma palavra de origem tupi que refere-se aos habitantes das zonas litorâneas. Inicialmente designava apenas a indivíduos que viviam da pesca de subsistência

Na entrevistada de H.M, com 68 anos, revelou-se que todos os seus filhos nasceram de parto normal, em casa, com a ajuda da avó, lembrando que na época não existia hospitais e nem postos médicos, somente uma farmácia que não atendia muitas vezes as necessidades da comunidade.

Hoje com sessenta e oito anos de idade ainda preserva muitos hábitos da época como, por exemplo, o consumo do café feito de arroz ou milho; o consumo de carne de gambá. No passado conservava seu alimento por meio de desidratação com sal, e com a chegada da energia elétrica adotou o uso de eletrodomésticos. A prática de cultivar a própria alimentação diminuiu em função da facilidade de adquirir alimentos no mercado. Hoje o seu filho mais velho ainda permanece na comunidade Cabaraquara e sustenta a sua família com fabricação da farinha de mandioca.

A vida era simples e tranquila, as necessidades eram basicamente para alimentação e vestuário, as casas eram feitas de paredes de pau a pique, telhado de sapê de duas águas, o chão era de terra batida e os móveis escassos. Segundo Adams (2002), nas décadas de 1940-50, a conformação do povoado caiçara era de um agrupamento desordenado de casas isoladas umas das outras, escondidas entre as folhagens e protegidas do vento pela vegetação da orla da praia. Apesar das propriedades serem privadas, elas não eram cercadas e as trilhas permitiam o acesso de todos.

[...] Paraná é abençoado lugar graças a Deus, sofremo quando chegemo, mas agora não quero sabe do meu lugar mais [risos] eu tinha dificurdade com tudo aqui quando a gente queria , pois usava banha não usava óleo não tinha, tinha uma banha assim parece uma nata de creme de doce nós comprava aquilo e custava derreter na frigidera pra gente fazer a comida. As nossas banhas que nós usava lá era essas banha de porco em fatia mesmo, aqui não tinha parecia uma coisa, mas assim mesmo colocava bastante fogo e fazia assim mesmo. O fogão a gás nem se conhecia e geladera muito menos, era uma vida pesada, falo mesmo, nós fazia nosso armoço não tinha os tempero que nós usava lá em Santa Catarina, não tinha prego pra nós precisa de pregar quarque coisa não tinha, porque não tinha deposito de nada então a vida foi assim tudo assim [...]. (N.M.B., 88 anos).

A função da mulher era o de mãe de família, dona de casa. Seu papel era essencial para a manutenção das famílias, onde sua tarefa era de preparo do alimento e criação dos filhos. Ao marido estavam destinadas as atividades de pesca, construção da moradia, produção de canoas e redes de pesca para tirar do mar o sustento da sua família.

A pesca era uma atividade essencialmente masculina, exceto no caso da pesca da tainha, que se constituía numa forma de compadrio, relação de grande importância para as comunidades caiçaras.

[...] a alimentação nossa era a farinha de mandioca, o peixe, não tinha açougue a gente tinha que compra uma galinha do vizinho pra mata pra comer aos domingos, ai depois passemos a criar pra comer em casa, a cabo de muitos anos veio um senhor pois uma casa ali que fez açougue pra nós. (N.M.B., 88 anos).

[...] tinha uma cooperativa que a gente comprava o que precisava, o açúcar que vinha pra os pescador, as coisa de necessidade da casa né, se comprava ali nem se chamava armazém, era cooperativa que se diziam, ali que nós fazia a precisão da comida da casa. (N.M.B., 88 anos).

[...] a água não tinha água encanada, não tinha luz, lá onde fica a fenerária hoje em dia que tinha uma casinha baxinha que era tinha um motor que tocava a luz até dez horas da noite , mas eu não pissinga essa luz porque a gente mora aqui na beira da praia era pobre não dava pra puxa. (N.M.B., 88 anos).

A comunidade de pescadores está localizada na desembocadura do rio Matinhos que na década de 70 foi aterrado conforme relato a seguir:

[...] O rio passava por ali, era rio mesmo[...] tinha uma ponte de madeira e a boca do rio era aqui perto do mercado do peixe ...em 70 [1970] o prefeito passou a município o lugar[...] ele passou a ponte pra lá e fechou o rio aqui, uma draga que veio e aterrou tudo ai[...] tem grande pedra nesse aterro ai que Deus o livre! [...] O rio era grande e aquelas pedra criou-se eles pescavam

cada robalo que era uma beleza, minhas crianças iam brinca que iam morrendo afogado do rio que era fundo. (N.M.B., 88 anos).

[...] Hoje não dá mais pra se toma água do rio, que ta cheio de coisa ruim, mas a água que tenho na minha casa é uma água abençoada que vem do morro". (H.M., 68 anos).

1.2 PESCA ARTESANAL E A ARTE DA FEITURA DE CANOA MONÓXILA (UM ÚNICO TRONCO DE ÁRVORE)

A pesca artesanal está entre as principais atividades de subsistência mais antigas do mundo e apesar dos grandes avanços da agricultura, do comércio e conseqüentemente do turismo ela ainda sobrevive. Esta atividade se caracteriza pela técnica rústica da confecção das embarcações que utilizam de matéria prima disponibilizada no ambiente, tornando baixo o seu custo de produção e pela relação entre os grupos de trabalho formado por grau de parentesco e compadrio sem nenhum tipo de vínculo empregatício (DIEGUES, 1995). No Brasil, a pesca artesanal está ligada, historicamente, à influência de três correntes étnicas que formaram a cultura das comunidades litorâneas: a indígena, a portuguesa e a negra (ADAMS, 2002). Da cultura indígena as populações litorâneas herdaram o preparo do peixe para a alimentação, o feitiço das canoas e jangadas, as flechas, os arpões e as tapagens; da cultura portuguesa, herdaram os anzóis, pesos de metal, redes de arremessar e de arrastar; e da cultura negra, herdaram a variedade de cestos e outros utensílios utilizados para a captura dos peixes (DIEGUES, 1995).

Tal atividade exige um conhecimento muito amplo sobre o meio ambiente, como as condições das marés, o manejo e a produção dos instrumentos de pesca, as estações do ano, as luas e os hábitos alimentares dos peixes. Assim tornou-se uma atividade menos predatória, pois os pescadores conhecem e respeitam o limite da coleta, contribuindo para o equilíbrio ambiental.

Comecei fazer canoa quando tinha 14 anos de idade, tô com 65 anos, vai fazer 50, eu já fiz mais de 40 canoa. Aprendi cum meu pai que aprendeu com

o pai dele. Mas meu filho num quer saber disso, e eu não conheço mais gente que sabe fazer canoa do jeito certo qui nem eu [...]. (B.D.O., 65 anos).

[...] chego lá perto dela (...) e não vou chegar assim meter-ler o machado e derrubar nada. Tem que ver aonde ela vai cair, um canoeiro profissional por que trabalha com isso ai a muito tempo , a profissão minha é isso daí. Então o canoeiro profissional tem que fazer desse tipo, chegar na árvore olhar do tipo que ela ta, aonde ela vai cair, né, em pé mesmo ele pode analisar aonde que vai ficar a “boca” dela. (B.D.O., 65 anos).

[...] Tem que ser tudo na medida certa. Ai você olha, derruba em vez de cair pra Ca uma “grota” né, as vezes ela cai pra lá, ou pro lado, porque você queria que caísse do outro pra não cair em cima daquela “ grota”,por que daí ela fica de ponta cabeça, ai se torna mais difícil de você atorar ela pra fazer [...]. (B.D.O., 65 anos).

Ai depois que estiver no chão pra medir o comprimento da canoa, pra fazer o comprimento certo exato, tem que medir a “boca” primeiro, mede o contorno dela, daqui ai você mede, 1 , 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, oito boca e meia. Por aqui tem q medir o comprimento, é muito difícil quem faz isso ai, por que as vez faz meio errado isso ai as vez muito comprido de mais as vez curto de mais estraga, como já vi muita gente estragar madeira [...]. (B.D.O., 65 anos).

Ai pega uma trena pequena, uma madrinha no mato fininha, mede daqui a ali quanto que deu de espessura, oito “boca” e meia, marca ali e serra, ai da uma canoa normal, uma canoa do jeito que precisa, agora tem muito que não tem essa pratica, ele chega, olha, e já vai derrubando, e daí aonde a madeira caiu ele não sabe aonde se a “boca” é do lado de lá,é difícil a madeira que não tenha algum defeito né. (B.D.O., 65 anos).

De acordo com o fazedor de canoa entrevistado, essas eram produzidas a partir de duas espécies principais de árvores, o Guapuruvu e a Figueira e para a sua confecção utilizava-se basicamente as ferramentas enxó e machado. A construção era artesanal e precisava de muita técnica e paciência. Segundo alguns entrevistados o corte das árvores tinha que corresponder à lua certa, principalmente na lua minguante que após o “pedido de permissão” era derrubada. Todo este ritual fazia-se necessário para que a madeira não rachasse.

O entrevistado relatou que depois de tombada, a árvore escolhida era medida para que então fosse esculpida a “boca” da canoa. Em primeiro lugar media-se o contorno desta para que o corpo da embarcação apresentasse equilíbrio e fluabilidade e em seguida eram feitos os cortes das estivas a partir de árvores pequenas de troncos roliços, possibilitando o seu transporte.

Muitas vezes o canoeiro lavava a embarcação recém confeccionada com “caldo de Aroeira” para diminuir as infiltrações. O remo era feito a partir da árvore da Caxeta, cuja madeira leve e resistente era muito utilizada. Era comum também pintar as canoas com as cores da Bandeira do Divino Espírito Santo (branco e vermelho) (Andreoli, 2007).

A técnica de confecção de canoas de um tronco só está ameaçada no Município de Matinhos, devido a fatores como desenvolvimento social, legislação ambiental e avanços de novas tecnologias. Em cada família havia pelo menos um construtor de canoa, que era de suma importância, como artefato pesqueiro que garantia a subsistência deste grupo familiar. Essa prática está se perdendo e o caiçara se integrando a novas condições de vida, desestimulando-se no investimento de tempo e esforço na transmissão das técnicas à seus filhos que também não demonstram interesse.

1.4 CONFECÇÃO ARTESANAL DE RABECAS

A rabeca é um instrumento de origem árabe que se parece muito com o violino, mas apresenta suas particularidades. Acredita-se que ela chegou ao Brasil, trazida pelos jesuítas e posteriormente foi adotada pelos indígenas, que a adaptaram usando materiais provenientes da Mata Atlântica. No litoral paranaense, os caboclos caiçaras modificaram esse instrumento e o utilizavam para contar lendas, mitos, crenças, através de seu som ao tocá-la em celebrações religiosas. Ela é composta por três cordas e feita em caxeta talhada. Sua confecção era ensinada de geração em geração, mas com as mudanças do mundo contemporâneo, este conhecimento não foi repassado com a mesma intensidade, sobrando poucas

peças com esta habilidade. Em Matinhos, há apenas uma pessoa, que com dificuldades continua confeccionando o instrumento.

O toque deles é diferente, e o som também é bem diferente [...] o som depende da madeira, e outra, depende também do tipo de fazer. E o tamanho, conforme maior, se tiver bem fininha ela, o som é melhor [...] ele força mais. Tem um segredo que tá na madeira, quanto mais fino ela, mais ela tem força [...]. (B.D.O., 65 anos).

[...] Meu pai me ensinou a fazê, a construir, mais não me ensinou tocá, [...] já meu irmão, sabe tocá, mais num sabe fazê, e aí como que fica? Meu filho não que sabe fazê, o filho dele num qué tocá. (B.D.O., 65 anos).

[...] Acho que assim que acaba tudo né?! (B.D.O., 65 anos).

1.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos averiguar através destes relatos obtidos no presente artigo, as várias mudanças e alterações geográficas, sociais, econômicas e culturais que ocorreram no Município de Matinhos nas últimas décadas, movimentos de transformação e desenvolvimento. As comunidades litorâneas lutam contra o processo de invisibilidade histórica visando garantir sua real identidade, para que seus saberes e costumes não deixem de fazer parte da história contemporânea.

Do mesmo modo, apuramos que as tradições que vinham sendo transferidas de geração em geração não estão sendo repassadas, movidas pelo desinteresse das novas gerações que não se interessam por continuar ou aprender suas raízes culturais, em virtude do movimento da globalização e avanços tecnológicos. Assim sendo, o objetivo desse artigo em resgatar a trajetória histórica e as mudanças geográficas e culturais de Matinhos é de real importância para que se preserve fatos e acontecimentos dessa história para a eterna memória das futuras gerações.

A preservação e a disseminação destes conhecimentos contribuem como alicerce para as bases que vão proporcionar aos comunitários a reconstrução da sua identidade cultural. Mesmo que submetido aos pressupostos da sociedade

hegemônica, estes atores sociais irão reforçar as suas práticas sociais como preservação da memória e resistência.

REFERENCIAS

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem revista de antropologia. São Paulo. **Revista de antropologia**, v. 43 n. 1, p. 145-182, 2002.

ANDREOLI M, V. **Natureza e pesca**. Curitiba: UFPR, 2007.

BIGARELLA, J. J. **Matinho**: Homem e Terra, Reminiscências. 3ª ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2009. 424 p.

DIEGUES, A. C. Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

GERNET, M. V. ; BIRCKOLZ, C. J. . Fauna malacológica em dois sambaquis do litoral do estado do Paraná, Brasil. **Biotemas** (UFSC), v. 24, p. 39-49, 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 09 março de 2014.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Leitão, B. et al. 5ª ed. São Paulo. Editora UNICAMP. 2003

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Ética e História Oral**. São Paulo, v. 15, 1997, p. 13 – 49.

RIBEIRO, H. I. Histórico da ocupação do balneário de Caiobá: um relato sob a perspectiva da história ambiental. In: Encontro nacional da ANPPAS, 4, 2008, Brasília, **Resumos...** Brasília: ANPPAS, 2008.

2 MEMORIAL DO PROJETO DE APRENDIZAGEM

2.1 ALUNA SIMONE

A ideia do Projeto nasceu no módulo de reconhecimento do Litoral, onde eu senti a necessidade de resgatar a história do Município a partir dos relatos orais das pessoas que viveram a real história, não só os fatos descritos nos livros eu queria a sinceridade nas palavras dos atores, queria saber como viveram, como criaram seus filhos, como surgiu a especulação imobiliária e o turismo, como ocorreram as mudanças geográficas e culturais, como era o modo de vida, a função da mulher e do homem na sociedade, quais eram as atividades de subsistência nas diferentes regiões, enfim tudo o que eles recordam, o que acham, viram e viveram.

As ideias vinham surgindo e o interesse aumentando, foi quando eu comentei sobre o assunto com a minha colega de turma Thays Teixeira e ela se identificou com a ideia e desde então começamos a colocá-la em prática, conseguimos a colaboração do professor Marcos Vasconcellos Gernet que aceitou o convite de ser mediador do nosso Projeto de Aprendizagem, já que ele possui um vasto conhecimento sobre a história do Litoral e foi peça fundamental para o desenvolvimento do projeto.

O professor nos cedeu um gravador para que começássemos as entrevistas e assim começaram os trabalhos, fomos entrevistando as pessoas, essas eram selecionadas considerando a idade e o tempo de residência no município, após cada entrevista mediante a autorização da gravação fazíamos a transcrição *ipsis literis* do conteúdo gravado.

Por um período tivemos a colaboração de um aluno da Gestão Desportiva do Lazer que tinha um projeto na mesma área, mas não com os mesmos objetivos, então depois de um período nos separamos. Neste período também perdemos o

nosso mediador, pois o contrato dele de docente substituto terminou e tivemos que procurar outro professor para nos auxiliar, foi ai que decidimos convidar o Professor Luiz Fernando Lautert que demonstrou grande interesse na cultura local quando ministrou o seu módulo na nossa turma. Ele com grande gentileza aceitou o nosso convite e tem acompanhado a nossa trajetória até o momento.

Durante este período tivemos a oportunidade de enviar dois trabalhos, frutos do nosso projeto, à 64ª Reunião Anual da SBPC, com o título LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA CONFECÇÃO DA CANOA ARTESANAL NO LITORAL DO PARANÁ e no ano seguinte a 65ª Reunião Anual da SBPC como o título A SITUAÇÃO DA TRADIÇÃO DA CONFECÇÃO DE RABECAS NO MUNICÍPIO DE MATINHOS, PARANÁ e tivemos a honra de todos serem aceitos e apresentados.

2.2 ALUNA THAYS

A ideia inicial do projeto de aprendizagem deu-se no primeiro semestre de 2011, através da companheira de projeto, Simone Rigo, na intenção de resgatar os aspectos culturais e registrar as mudanças (ambientais, econômicas e de hábitos) ocorridas no município de Matinhos nas últimas décadas. Desde então não mudamos o tema estudado. Escolhemos o Marcos de Vasconcellos Gernet, na ocasião professor substituto do Setor Litoral, para ser nosso primeiro mediador, pelo conhecimento e interesse demonstrado pela cultura local.

Nas primeiras reuniões com nosso mediador ele mencionou que outro aluno do curso de Gestão Desportiva e do Lazer também estava trabalhando com o mesmo tema, sugerindo para que nos juntássemos na elaboração da pesquisa. A parceria estava dando certo, mas no início de 2013 decidimos nos separar e voltar à formação inicial.

No início de 2013 nosso mediador teve que sair da instituição devido ao fim do seu contrato de docente, nos levando a ter que procurar outro mediador. Por termos gostado de suas aulas durante o curso de Gestão Ambiental e saber de seu interesse na cultura local decidimos convidar o professor Luiz Fernando de Carli Lautert para nos mediar. Ele aceitou permanecendo como nosso mediador até o momento.

Nosso projeto de aprendizagem tem como objetivo resgatar aspectos culturais (culinária, festas, lendas, etc.) e as mudanças na paisagem e hábitos que ocorreram em Matinhos nos últimos anos, para que as novas gerações não percam e/ou esqueçam esses fatos e costumes. Essas informações foram obtidas por meio de entrevistas semi-estruturadas com moradores que residem há muito tempo no município. Os resultados dessas entrevistas geraram dois trabalhos apresentados nas 64ª e 65ª Reuniões Anuais da SBPC, sendo, LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA CONFECÇÃO DA CANOA ARTESANAL NO LITORAL DO PARANÁ e A SITUAÇÃO

DA TRADIÇÃO DA CONFECÇÃO DE RABECAS NO MUNICÍPIO DE MATINHOS, PARANÁ, respectivamente.

3 MEMORIAL DAS INTERAÇÕES CULTURAIS E HUMANÍSTICAS

3.1 ALUNA SIMONE

2º SEMESTRE DE 2010

ICH de Escalada

Professora Responsável: Ana Josefina Ferrari

OBJETIVO: Introdução e Instruções para a prática segura de escalada e rapel.

Esta atividade vertical que necessita de equipamentos adequados para a descida em paredões e vãos livres, bem como em edificações. O rapel está inserido na modalidade de esportes radicais, mas também é uma técnica de salvamento utilizada pelos bombeiros para o resgate de pessoas.

Durante o período de aprendizagem tivemos a oportunidade de colocar em prática algumas das técnicas, repassadas e sala de aula, ao descer o Morro do Boi com o apoio e as instruções de uma equipe do corpo de bombeiros, pudemos interagir e conhecer novas pessoas com experiência neste esporte.

Algumas das dificuldades encontradas neste esporte são a falta de paredões para iniciação com segurança para os alunos e comunidade em geral. Utilizamos para prática da técnica, o 2º andar do primeiro bloco e descemos até o térreo do entre blocos na Universidade.

.

1º SEMESTRE DE 2011

ICH de Desastres Ambientais

Professor Responsável: Marcos de Vasconcellos Gernet

OBJETIVO: Levantamento e discussões sobre os principais desastres ambientais ocasionados pelo homem no mundo e no litoral paranaense.

Alguns dos assuntos levantados foram: explosão do navio Vicunha em Paranaguá, os vazamentos de óleos dos navios da Petrobrás, a poluição, o impacto ambiental e social na construção dos Portos e o quanto o ambiente se torna vulnerável às ações do homem e o quanto isto nos afeta. A atuação da mídia na apresentação e na distorção dos fatos. O ICH foi uma importante introdução e base para os módulos que iriam tratar de Impactos ambientais, estudos de impactos ambientais e relatórios de Impactos ambientais.

2º SEMESTRE DE 2011

ICH de Projetos Ambientais

Professora Responsável: Liliani Marília Tiepolo

OBJETIVO: fazer a análise e discussões de projetos ambientais.

Pudemos neste período ter acesso e a noção de como elaborar um projeto ambiental e quão complexo ele pode ser, a necessidade de responsáveis capacitados para fazerem parte da equipe de planejamento e atuação. Elaboramos um roteiro para fazer o Plano de Manejo do Parque Estadual Rio da Onça e todo o quadro da equipe técnica, também serviu como base para o módulo do último período que foi Elaboração de Projetos ambientais.

1º SEMESTRE DE 2012

ICH de voleibol

Professor Responsável: Marcelo Silva da Silva

OBJETIVO: Introdução a prática de voleibol, regras, técnicas e táticas.

Neste ICH pudemos ter o contato com as pessoas da comunidade do Bairro Cohapar, onde dividíamos e compartilhávamos do mesmo espaço do ginásio do bairro. Tivemos aulas teóricas e práticas de técnicas e táticas de jogo e trabalhamos a importância do esporte na vida das crianças e adolescentes das comunidades carentes.

2º SEMESTRE DE 2012

ICH Caminhando sobre a história do litoral

Professor Responsável: Marcos de Vasconcellos Gernet

OBJETIVO: O reconhecimento e a valorização histórica do Litoral do Paraná

Este ICH proporcionou aos participantes aulas teóricas “*in loco*”, pois percorremos as Cidades de Paranaguá, Antonina, Morretes, Matinhos conhecendo a história e a cultura local, tivemos o acesso a museus, centros históricos, sítios arqueológicos e aos principais locais onde iniciou o desenvolvimento da civilização litorânea. Este ich nos proporcionou entrar realmente na História, descobrir, sentir e revivê-la.

1º SEMESTRE DE 2013

ICH Vôlei de Praia

Professora Responsável: Izabel Martinez

Esporte ao ar livre, não teve nenhuma introdução nem conteúdo, somente a interação e a prática do esporte, ICH que deixou a desejar.

2º SEMESTRE DE 2013

ICH Artesanato em EVA

Professor Responsável: Almir Andrade

OBJETIVO: Confecção de artesanato EVA.

Momento em que pudemos ter o contato com técnicas manuais, o desenvolvimento das habilidades e criatividade, maneiras de se reaproveitar produtos descartáveis e levamos como aprendizado a importância de se valorizar o artesanato.

3.2 ALUNA THAYS

2010 – 2

Nome: ICH de escalada

Responsável: Ana Josefina Ferrari

Instruções e praticas de escalada e rapel.

2011 – 1

Nome: Desastres ambientais

Responsável: Marcos de Vasconcellos Gernet

Levantamento e discussões sobre os desastres ambientais ocasionados pelo ser humano, no mundo e no litoral paranaense.

2011 – 2

Nome: Projetos Ambientais

Responsável: Liliani Marilia Tiepolo

Análise e discussões de projetos ambientais.

2012 – 1

Nome: Voleibol

Responsável: Marcelo Silva da Silva

Estratégias, regras e práticas de voleibol.

2012 – 2

Nome: Caminhando sobre a história do litoral

Responsável: Marcos de Vasconcellos Gernet

Saídas de campo em alguns municípios do litoral paranaense para reconhecimento histórico e cultural de cada um destes.

2013 – 1

Nome: Café com documentário

Responsável: Liliani Marília Tiepolo

Contemplação e discussão de documentários socioambientais enquanto se apreciava um café coletivo.

2013 – 2

Nome: Artesanato em EVA

Responsável: Almir Andrade.

Confecção de artesanato tendo como predominância a utilização do EVA.

Reflexões sobre as ICHs

A proposta das ICHs é bastante interessante, pois é uma ótima possibilidade de se conhecer e/ou aperfeiçoar conhecimentos relacionados ao curso ou não.

Porém, percebo que esse espaço muitas vezes não é aproveitado adequadamente pelos alunos, por acreditarem ser um espaço de menor irrelevância curricular.

4 MEMORIAL DAS VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS

4.1 ALUNA SIMONE

Neste período tive o privilégio de participar do Programa de Educação Tutorial juntamente com alunos dos diversos cursos de graduação da Instituição e conjuntamente com eles participar da elaboração do Projeto de Inclusão Social e produtiva nos Municípios do Litoral do Paraná.

Um projeto guarda chuva que englobou outros projetos de Educação Ambiental, Emancipação Cidadã, Política e social cujo objetivo geral é contribuir com a quebra do círculo vicioso da exclusão social das famílias ligadas ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, através da emancipação política e econômica, do desenvolvimento do senso crítico, da conscientização de práticas e valores socioambientais e da inclusão social e educacional, bem como possibilitar a geração de renda em grupos sociais vulneráveis.

Este projeto foi desenvolvido na sede da Sadia na Vila Santa Maria em Paranaguá/PR pelo período de um ano, onde desenvolvíamos atividades com crianças e adolescentes que estavam inseridas no Programa de Erradicação do trabalho Infantil no período do contra turno escolar.

O projeto de educação ambiental que desenvolvi juntamente com a colega de turma Mayara Bresolim, tinha o objetivo de através da reflexão sobre o meio ambiente busca-se estimular novas práticas relacionadas aos valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências, estas voltadas para a conservação do ambiental, a qual todos se encontram inseridos.

Esse período foi extremamente importante para meu crescimento pessoal e acadêmico, onde tive contato com uma realidade fácil de se encontrar mais impossível de aceitar, digo isto pois, as crianças e adolescentes que participavam do muitas eram vítimas de abuso sexual, viviam em uma situação precária onde várias vezes participavam dos encontros para poder lanchar, pois não tinham o que comer em casa, as mães trabalhavam de coletoras de lixo no lixão, atualmente desativado, que se encontra dentro do bairro ao lado das casas onde vivem.

Muitas sofriam com espancamento, já faziam uso de drogas, se prostituíam e não recebiam apoio psicológico algum, estavam emocionalmente abaladas e se intitulavam inferiores a nós, foi um longo processo de aceitação até conseguirmos adquirir a confiança delas. Mas terminei o período de execução do projeto com a sensação de dever cumprido, demos a devida atenção que elas precisavam, escutamos a suas frustrações, ensinamos que não havia diferenças entre nós, que estávamos ali levando o que aprendíamos em sala de aula e que eles poderiam fazer o mesmo.

Fizemos brincadeiras, leituras, assistimos filmes, plantamos, colhemos, rimos e choramos e ensinamos um aos outros que juntos podíamos fazer a diferença. Com isso levamos um pouco de alegria e esperança para eles. Sempre deixando claro que apesar de toda a dificuldade vivida, se eles se dedicarem ao estudo poderiam se tornar um profissional que faria a diferença em toda e qualquer realidade.

4.2 ALUNA THAYS

Minhas Vivências Profissionais foram realizadas no Projeto “A cultura e o mundo, possibilidades de vivência por crianças e adolescentes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil do município de Paranaguá”, de abril de 2012 a abril de 2013.

O Projeto fez parte do Programa de Educação Tutorial Litoral Social que buscou em conjunto com os jovens do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) apoiar e desenvolver o senso crítico, através de seus olhares, ao mesmo tempo promovendo a estes conhecer um mundo que não se restringe ao espaço aonde vivem.

Nesse projeto participei de atividades que visavam mostrar ao jovens as diversidades culturais existentes no mundo, os efeitos da globalização cultural e a importância da valorização e reconhecimento de suas culturas locais.

Pelo fato dos jovens participantes morarem ao lado do lixão de Paranaguá e seus pais trabalham na cooperativa de reciclagem local, percebi o impacto da geração excessiva de resíduos no meio ambiente e na vida das pessoas que moram no entorno dos pontos de deposição. Isso instigou e despertou meu interesse em conhecer e futuramente me especializar na área de gestão de resíduos sólidos.